



FORTALEZA DO ILHEU NA BAHIA DO FUNCHAL.

MADEIRA.

3.º

A ILHA da Madeira, de que em outros artigos fallámos (1), e cuja capital, a cidade do Funchal, situada na costa meridional, está em 32º 37' 42" de latitude boreal, 16º 55' 42" longitude occidental de Greenwich, tem no seu maior comprimento desde a Ponta de S. Lourenço até a Ponta do Pargo na direcção O.¼N. proximamente 44 milhas, e 14 a 15 milhas na sua maior largura, tomada entre as Pontas de S. Jorge e Cabo Gração (2) na direcção sensivelmente norte a sul.—O mar, que a rodea, é profundo e limpo de escolhos em quasi toda a sua extensão, exceptuando-se tão somente: 1.º a parte da costa do norte, onde ha alguns baixos e rochedos ilhados, entre os quaes sobresaem o ilheu da Ribeira da Janella, e o ilheu e baixo do Porto do Moniz: 2.º a Ponta do Pargo, onde se estende ao mar um baixio sobre o qual a vaga rebenta com ventos mediocres, obrigando os barcos a afastar-se consideravelmente da terra para dobra-la: 3.º o ilheu do Gorgulho, baixa do Carneiro e ilheu fortificado [estampa] nas visinhanças do Funchal, e finalmente a extremidade da Ponta de S. Lourenço, circumdada de alguns rochedos ilhados, e pequenos cabeços de rochas que as aguas cobrem.—A costa do norte, por exces-

sivamente escarpada, pela raridade das praias e enseadas, pela violencia dos ventos dos quadrantes do norte que alli sopram a maior parte do anno, é totalmente inhospita para os navios e pouco segura para os barcos, tendo apenas dois portos de refugio contra o tempo, um o do Moniz, outro o da Cruz.—A costa do sul tem mais enseadas e logares de desembarque do que as do N. e NO., o que junto ao abrigo, que contra os ventos dominantes produz a massa geral da ilha, faz com que os navios e os barcos encontrem nesta costa o abrigo e segurança que a do norte lhes nega. Assim na bahia do Funchal, entre os cabos Gração e Ponta da Cruz, fundeam os navios em plena tranquillidade e segurança com todos os ventos que não sejam os dos quadrantes desde o sudoeste até o sueste pelo sul (3).

A cidade está edificada na volta da bahia; muitos e bons predios ficam á beiramar, por onde se estende uma formosa rua, assentes outras muitas mais estreitas sobre o declive do monte; vista de distancia appresenta um aspecto singular, que todos os viajantes celebram: não ha ahi a fumaça ou grossa atmosphera, impendente de ordinario sobre uma cidade. A casaria é de brilhante alvura que mais sobresahe em rasão do escuro solo e fundos barrancos que lhe ficam nas costas.

(1) A pag. 217 do vol. 5.º, e 21 do presente.

(2) O P.º Cordeiro na Hist. Ins. lhe chama do Garajão.

(3) Extrah. das *Observ. Geologicas sobre o archipelago da Mad.* pelo Ex.º Sr. Mosinho d'Albuquerque, nas Mem. d'Acad. Tom. 12.º

De todos os edificios a sé é o mais digno d'attenção, tanto por ser templo grande e magestoso, forrado de marmore, como pelos ricos tectos lavrados de cedro, que alguns que-rem não o seja, mas sim uma especie de cy-preste. Quasi no meio da cidade ha um espaço quadrado plantado de arvores e plantas indigenas e exoticas, entre ellas a *dracæna dra-co* [dragoeiro] a *datura arborea* [tromba ou calix de Venus] e o jasmim açorico, e outros vegetaes que se tem creado bem.

Os outros principaes edificios são o paço episcopal, e o do governo, o aquartelamento da tropa, o theatro, a casa d'alfandega, o hospital, o templo do Carmo, e o convento dos franciscanos de que os estrangeiros fallam muito, porque os maravilha a capella dos ossos e esqueletos, que se mostrava, assim como em Lisboa era uso patentear, nos dias 1 e 2 de novembro, o subterraneo ou grande carneiro, que pelos esqueletos denominavam dos mirrados, e que se via na igreja de S. João de Deus, freguezia de Santos.

A bahia é cercada de um amphitheatro de montanhas, que se erguem quasi a 4:000 pés para a parte de traz da cidade, a qual deve a sua perspectiva á posição declive que occupa: as regiões mais altas descobrem-se vestidas em partes com pinhaes e outras arvores europeas, ao passo que as vertentes inferiores estão dispostas em socalcos de vinhas e tableiros d'hortas: algares profundamente abertos cortam aqui e alli estas montanhas, sendo os lados delles precipicios inclinados, e no fundo sombrio correm alguns regatos que descem do interior: com as chuvas estes arroios engrossam com tremenda força d'aguas, o que já occasionou desastres; tem-se porem impedido que ao cair para a banda da cidade façam damno, obrigando-as a correr em canaes construidos de forte alvenaria: os lados dos outeiros se aformoseam com agradaveis quintas. — A residencia no Funchal é summamente delectosa. Dá-se a esta cidade uma população de 20:000 almas, isto é, um sexto pouco mais ou menos da que comprehende toda a ilha.

As fortificações do Funchal consistem n'uma cortina e varios fortes da banda do mar; o do ilheu que é o do registo [vid. a gravura]; e fronteira a este, na terra, a fortaleza ou castello de S. João do Pico, campeando sobre a cidade.

Funchal foi a principio villa por foral dado por elrei D. Affonso 5.º em 1451, que o ampliou em 1472. D. Manuel a creou cidade em 1508; e em 1514 passou a ser assento de bispado, unido á dignidade de vigario de Thomar, da ordem de Christo; no reinado de D.

João 3.º foi erecta metropole por bulla de Clemente 7.º em 1537, dando-se-lhe por suffraganeos os bispados d'Angra, de Cabo-Verde, e o de S. Thomé que ainda então comprehendia Angola e Congo, e o de St.ª Catharina de Gôa, que se estendia pela India Oriental: de forma que os arcebispos do Funchal se intitulavam primazes das Indias: mas depois perdeu a jurisdicção metropolitana, ficando reduzida a cidade episcopal, tendo por diocese, suffraganea do patriarchado, só o archipelago da Madeira, e a ilha e castello d'Arguim na costa d'Africa. Vid. *Lima*. Tom. 2.º pag. 344.

CULTURA DAS AMOREIRAS.

2.º

QUANDO as amoreiras tem já dois annos ou mais de viveiro, se se observar que estão fortes e bem creadas, que o tronco tem pelo menos meia pollegada de diametro, podem arrancar-se, salvo quando queiram deixa-las ficar no viveiro (1), procurando-se economisar a operação dispendiosa do alfovre que é especie de segundo viveiro ou deposito a que os francezes chamam *pourretier*, e evitando-se as causas de enfermidades que resultam ás arvores, na transplantação, por causa de feridas ou cortes accidentaes e de outras circumstancias.

A agronomia assigna duas epochas uteis para o bom resultado da operação do segundo criadouro ou *pourretier*, assim como para as plantações regulares da amoreira; a primeira em novembro, e a segunda em janeiro: mas é mais seguro fazer esta operação entre dezembro e janeiro nos paizes quentes, entre novembro e dezembro nos temperados, e no principio de novembro nos frios. Escolhido, como é de toda a importancia o clima, terreno, exposição &c., explora-se o chão com sondas longas e fortes para conhecer-se a natureza das camadas inferiores de terra. Se o terreno for favoravel, traçar-se-ha a circumferencia do fosso que hade servir ao segundo criadouro ou *pourretier*, e em seguida se cavará. Se a transplantação houver de ser feita em novembro abrir-se-ha aquella valla em junho, se porem dever ser feita em janeiro será aberta a valla em setembro. Isto se observará não sómente quando se seguir o methodo do *pourretier* [que muitos adoptam para desemba-

(1) E' observação constante que deixando vegetar as novas plantas no viveiro se fazem bastante fortes para poderem soffrer a transplantação immediata nas plantações regulares d'amoreiras; e por este meio, alem de se poupar a operação do *pourretier* ou segundo criadouro, deixam-se descansar mais tempo as arvoresinhas, livram-se de lesões, e sahem a final mais robustas.

raçar os viveiros sendo estes proprios] (2), mas tambem para as plantações regulares quando se quizerem formar com plantas novas. — É necessario dar á valla dois e meio a tres palmos de fundo, seja qual for a sua extensão e largura, e espalhar pelas beiras a terra que se tira para a submeter ás influencias atmosfericas, sobre tudo á do sol: feita a valla se revolverá com a pá de cavar a terra do fundo na altura de seis pollegadas ou mais para a fazer mais solta, porque a sua tenacidade póde ser nociva ao desenvolvimento e ramificação das raizes das plantas novas. Depois do que se hade tratar logo da preparação do terreno proprio para a plantação, o qual é composto de um terço da terra extrahida do fosso ou valla, um terço de terra vegetal, copiosa em particulas de vegetaes apodrecidos, e outro terço de bom estrume: deve ser bem misturado e bem moído. Deitar-se-ha esta terra assim composta na valla, fazendo que acima das beiras desta suba umas quatro pollegadas, inclinando a sua superficie para leste ou para sul sem a calcar. Depois desta operação se farão nesta altura ou especie de cómodo regueiras parallelas entre si na disposição que se achar mais conveniente, sempre de cima para baixo, diagonalmente, e em distancia de sete a oito pollegadas umas das outras; devem ter dois palmos de profundidade. Deixar-se-ha depois este segundo criadouro em repouso; e durante esse tempo o agricultor preparará tudo o que é necessario para extrahir do chão as amoreiras novas, que se destinam ás plantações regulares segundo o methodo seguinte. =

Extirpação das amoreiras novas. = Antes de a emprehender, é necessario visitar o viveiro, examinar as plantas e verificar se a sua compleição permite o transplanta-las, se lhes tem ou não cahido a folha, e se estão intactas. Depois desta verificação marcar-se-ha um dos lados exteriores ao comprido do viveiro, e se fará de uma a outra extremidade uma cortadura, larga de um pé e profunda de tres pés, e mais se for necessario para poder chegar sem esforço á ultima ponta da raiz mestra da planta, e facilitar a extirpação sem lesar de modo algum o vegetal. — Depois de ter cavado este fosso oblongo, começa-se a desenraizar cautelosamente, tira-se com destreza a terra que envolve as raizes usando de instrumentos que não sejam agudos nem cortantes, e até com a mão para não offender o menor filamento, e sobre tudo a raiz mestra, ou esporão radical. Á proporção que se arrancarem

as amoreirinhas, depór-se-hão em lugar sombrio e abrigado de vento, para as defender de qualquer alteração accidental até que pouco a pouco se tenha effectuado a extirpação da totalidade. Proceder-se-ha immediatamente á escolha dos melhores pés para o criadouro ou pourretier, quando haja de seguir-se este methodo; e as arvoresinhas irregulares no braçejamento servirão para dispor em latadas, para amoreiras anaãs e decotadas, e outras invenções da arte do jardineiro; e quando as não queiram para estes fins de mero luxo, podem deixa-las no solo natal, e aproveita-las quando honver precisão.

(Continuar-se-ha.)

O PARNASO E A CASTALIA.

O MONTE Parnaso (1), a cidade de Delphos, e a fonte Castalia, são objectos que a pœsia antiga com grandissimo esmero e complacencia celebrou. Como habitação das Musas e das Graças, como lugar mui presado de Apollo e sêde do mais famoso oraculo dos pagãos, a montanha, a cidade, a corrente foram revestidas de todas as formosuras que póde suggerir a imaginação fertil dos gregos, a quem os poetas de Roma seguiram, e tambem os christãos não se pejaram de imitar, depois que o polytheismo desapparecêra com seus falsos numes e risonhas tradições. Ainda hoje os viajantes percorrem com entusiasmo esses e outros sitios, suppostos theatros das scenas mythologicas.

O Parnaso [modernamente Liakura] é a serra mais alta da Grecia central; ainda que este nome especialmente se applique á montanha contigua a Delphos, comtudo esse remque de serras levantado na Phocida estende-se na direcção nordeste até o monte OËta, e va de sudoeste pelo meio da mesma provincia até entestar com o Helicon (2) na fronteira de Beocia: grande parte do anno tem as assomadas cobertas de neve. Junto a Delphos rasga-se em dois pincaros alcantilados e fragosos, donde vem chamarem-lhe os poetas *bipartido*, entre elles nasce a famosa fonte Castalia, cujas aguas inspiravam o estro aos vates, segundo a fabula; deixando porem, segundo a verdade, aos que as bebem algumas impressões do local e a satisfação da sêde, e quanto ao mais a mesma prosa chaã e usual de que se

(1) Parnassos dizem alguns segundo a escriptura grega.

(2) O Helicon não é menos celebrado dos poetas, com a sua fonte Hypocrene: Camões no accesso do enthusiasmo invocando as fantasticas nymphas do Tejo, pedia-lhes que o amparassem em seu canto:

Porque de vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás de Hypocrene.

(2) Quem não tem viveiros, e compra os pés para plantar, os dispõe logo onde se forma o amoreiral, pelo que não é forçado á operação do segundo criadouro, e evita os inconvenientes acima apontados.

servem: não quer isto dizer que não tenhamos algumas pomposas, e por ventura exaggeradas descripções da Castalia, feitas por viajantes a quem a natureza e o estudo facultaram a fértil veia do talento. O manancial brota da rocha, e antigamente cahia n'um tanque destinado para uso dos sacerdotes do oraculo; ao presente depois da sua descida ao valle corre para o leito pedregoso do Pleistus e augmenta este ribeiro: as aguas não são copiosas, mas cristallinas e agradaveis ao beber. Ensombrava a fonte uma corpolenta figueira, e ornamentam-a eras pendentes e viçosas: toda esta paragem é fragosa e aspera de trilhar, como a montanha, mui frequentada de aguias e diversas especies d'aves menores. Logo ao pé da bacia de pedra enterrada no terreno ha uma excavação, tambem cortada na penedia e como que destinada para tomar banho: exactamente por cima, e fronteiro ao precipicio por onde vae saltando a corrente, fica um ni-

cho mui amplo, feito pelos pagãos para depositarem as offerendas por voto, e agora convertido em capellinha de S. João. Em summa, a Castalia, como todos os arroios sagrados da Grecia culta, está muito aviltada; barricas velhas com entulho e seixos servem de represar um tanto as aguas e fazer um charco, onde em vez das Musas e das Graças o inglez Hughes achou umas raparigas grosseiras, como albanesas, occupadas a lavar a roupa suja.

Abaixo do Parnaso de dois cumes, em solo declive, encontra-se a mesquinha aldêa de Castri em meio das ruinas da celebre Delphos; mas como não é nosso intento fallar de suas memoraveis antiguidades, nem dos jogos pythios que em honra d'Apollo alli se celebravam, remettemos os curiosos deste assumpto para a obra magistral de Barthelemy, a Viagem de Anacharsis: e pôde ser que por occasião de estamparmos outras gravuras tenhamos de fallar de mais alguns segredos do Parnaso.



FORTE CASTALIA.

D. PEDRO E D. JOÃO DO CARVAJAL.

[1312]

V

*Nova personagem.*A empreza era tão ardua como
arriscada.....*André de Barros. — Vid. de Vieira.*

SABIA o sol apenas, e a aurora, debruçando-se dos cerros que circulam a illustre Burgos, e sacudindo o nevoento toucado, borrarava os campos verdes, quando nos pateos dos paços reaes o som da trompa caçadeira accordava os echos dormitantes nas abobadas antigas, e mil gritos de folguedo annunciavam o começo d'um dia alegre. Latiam as matilhas impacientes, e os corceis generosos pateavam nas pedras cobrindo de espuma os rijos bocados que insoffridos mastigavam. Varletes e monteiros sómente aguardavam a ordem de partida, para cavalgarem, e os escudeiros de dextra praticavam entre si para matarem o tempo em quanto seus senhores não montavam. — Que diriam elles?

Um escudeiro.

«Guapo dia para batidas na matta.

Um corredor.

«Ou para corridas na campina....

Um moço varlete.

«Ou para caça de donzellas.

O escudeiro.

«Monteiro, que tão boa caça monteais, ou tivestes bem inquietos sonhos de noite, ou muito vos esperta este fino ar da manhaã.

O corredor.

«Propósitos de bom galan.

Um monteiro velho.

«Discursos de máu christão, que de christão fôra antes encommendar sua alma a Deus, do que assim dar rebate a impuros desejos.

O corredor.

«Andam por ventura ahi mouros da frontaria, para que assim se traga a alma acautelada com medo de morte traiçoeira por negras mãos do sarraceno d'África?

O monteiro.

«Não; mas anda o demo em cata d'algum descuidado que só em seus mundanaes appetites cuide.

O varlete [sorrindo].

«Não o pensa assim elrei.

O corredor.

«Nem o principe D. Pedro, que pula de contente com a posse da formosa D. Maria de Aragão, a perla das lindezas de Castella.

O varlete.

«E a mais donosa e gentil infanta das Hespanhas christaãs....

Outro varlete.

«Mais direi eu — das Hespanhas christaãs e das proprias mourismas, que não ha ahi Cid ou Miramolim que em seu harem tenha senhora de tanta senhoria....

O monteiro [insoffrido].

«E nada vos póde pôr um ponto na lingua, nem mesmo uma infanta, eternos falladores que em tudo debicais, e que acordais pela manhaã a chilrear amorinhos inquietos, como passaros descantando logo á luz da madrugada, *Santo cuerpo de Dios!* arrenego eu de taes rapazes!»

E os pagens e varletes riam ainda com riso mauso, e encoberto, da ira sincera do velho, quando a voz geral e retumbante de «ahi vem elrei» fez chegar todos a seus postos. O monarcha descia rodeado da sua brilhante nobreza.

«Por S. Venancio, senhores meus, que tão formosa alvorada parece prometter-nos um dia alegre e uma divertida monteria. Esqueçamos por um pouco os cuidados do reino e tratemos de aproveitar os dias de mocidade que Deus se digna de nos conceder. — A juventude passa depressa, senhores, e quem virá depois restituir-nos estes dias lindos se os perdemos, ou as suaves horas da alegria se as não aproveitamos? — que dizeis disto D. Bernardo Saria, e vós D. Lopo de Haro?»

«Que sois um rei magnanimo e que o vosso aviso é sempre e em tudo o primeiro» — responderam os dois interrogados.

«E depois, senhores, para que as nossas espadas as não corrôa a ferrugem, apparelharmos-hemos para outro melhor montar. Graças a Deus que se emfim as discordias cessaram cá no interior, lá fóra ha ainda que lidar. D. Manrique de Gusman temos que vingar a morte de vosso irmão D. Affonso — o gram capitão; vós senhor de Haro tendes que tomar despique de igual attentado — todos temos alguma injuria por pagar, alguma affronta por satisfazer, paguemo-las, satisfaçamo-las a esses d'Andaluzia, que tanto nos teem escarnecido; lavemos com sangue de mouros as antigas nodoas da nossa terra....»

«Tão feita para ser livre e sempre tão escrava» houve alguém que murmurasse — mas o rei não deu por tal; seguiu por diante:

«Tambem vós, D. João de Lara, tambem vós tendes alguma cousa que esquecer....»

«Não fallemos de tal, senhor....»

«Fallemos, sim, D. João, que mais vale quem tem dores que lhe doam ir apaga-las ou

vinga-las golpeando inimigos, do que ameaçar de morte uma donzella sem defeza.»

D. Fernando de Castella era um rei cioso, sobre tudo da sua auctoridade. Soubera elle o como os Laras, forçando o carcere dos Carvajales, teriam dado fim da misera Yolanta se não foram os guardas, que chegaram ainda a tempo de salva-la; e de sabe-lo grandemente se enojára, não porque muito se lhe desse mais ou menos uma vida de mulher, mas porque entrar assim violentamente n'uma prisão do rei era absolutamente affrontar a auctoridade real. Tinha pois ainda este espinho na garganta, e, como se vê, não abria mão de occasião em que podesse opprimir o privado com estes vestigios ainda acres da sua cholera. Dicto tal e assim em presença de tantos cavalleiros bem custára a digerir ao orgulhoso senhor de Lara, mas como bom cortesão que era conservou rosto sereno e fingiu não dar pelo tiro. — Assim é preciso aos que frequentam casas de principes: os raios dos dominadores e poderosos são como as ballas que espedaçam o que resiste e desfallecem no que cede. — Irrita-os a rijeza; amolece-os a brandura.

Bemdito pois o que poder ser tão accomodadamente brando!

«Ao campo, senhores, que melhor aproveitaremos lá o tempo do que aqui em discursos que o vento leva» — disse elrei cavalgando o seu nobre andaluz que dois escudeiros mal podiam já suster.

«Ao campo!» — repetiu geral grita.

E todos montaram e sahiram dos passos galopando tumultuosamente e fazendo com o turbulento tropear chegar ás portas e balcões os honrados burguezes, que se apinhavam para ver passar elrei e a cõrte que se iam a montar nas serras; e ás adufas e gelosias muitas gentis donas e donzellas, que apressadas, palpitantes e semi-vestidas espreitavam os bem postos cavalleiros que tão garbosamente meneavam seus ginetes, trocando umas com outras intermittentes risinhos e mansas confidencias.

Ai! entre os cavalleiros faltavam dois — e os mais generosos. D'entre as donzellas desaparecera uma — e a mais formosa!

Sahia a este tempo o sol em todo o esplendor da sua magestade inundando os campos de luz ampla e penetrando pouco a pouco na cidade atravez da emaranhada rede de ruas e praças, cruzadas, torcidas, encontradas e misturadas de mil modos differentissimos. Havia então em Burgos uma rua solitaria que ia dar ao campo, ou antes uma azinhaga estreita e pulverulenta, sem casas que a aformoseassem, erma e solitaria mais do que o mais abando-

nado trilho das selvas, porque nem tinha arvores que a alegrassem, nem verduras que a vestissem. E era a rua mui monotona e sombria, guarnecida como estava por uma e outra parte de muros altissimos — taes como naquelle tempo era mister para conveniente defensão e guarda segura. — Fechavam elles alguns hortos e jardins que para alli diziam, e tão altos eram que nem um raminho de arbusto os sobrepujava. Por esta rua caminhavam elrei e os cavalleiros dando largas ao ardor generoso dos corceis sem encontrarem viv'alma, tendo, como tinham, deixado já para traz o bolicoso fervor da cidade, e alegremente praticavam em cousas de mancebos, quando lá ao longe quasi no fim da rua lhes pareceu ver um vulto no meio do caminho exposto a ficar debaixo dos pés dos cavallos se não se arredasse; mas elles esperavam que o fizesse e sem cuidados seguiram para diante, perdendo-o de vista pelas curvas que o caminho fazia.

Breve o espaço foi devorado e o vulto lá estava ainda no meio da rua correndo o risco de morte certa, sem se bulir nem arredar, immovel e calado, e era um homem, era um velho venerando, com a cabeça branca descoberta, e as cans molhadas, repassadas do orvalho da manhaã, com os joelhos dobrados na poeira e nas pedras agudas e soltas do caminho — e o velho chorava com as mãos postas e os olhos pisados das longas lagrimas, e estava assim no desembocar d'um grande cotovello que a rua formava alli, de sorte que, quando elrei e a cõrte galopando o dobraram, foi este, que, como dissemos, vinha adiante, obrigado a parar de salto o seu cavallo dois ou tres palmos distante do velho que se não movia, para o não deixar sobre aquellas pedras com a fronte esmigalhada, e conculcada debaixo das ferraduras do fervoroso corcel.

«Affastai-vos, ancião — disse o rei — que fazeis vós ahi nessa humilde postura, tão pouco propria a um honrado velho, como pareceis: — se é respeito, o rei de Castella não quer respeitos que exponham a vida de seus vassallos. Mas daquelle combro que alli atraz nos fica me pareceu ter-vos já avistado... que fazieis ou que nos quereis?»

«Devieis passar por aqui: — respondeu o ancião — aqui vos esperava.»

«E por ventura não temos nós no nosso alcaçar espaço bastante para receber quem nos procura, para que seja mister o vir esperar-me nos caminhos, pondo assim á prova o meu saber na arte da cavallaria?»

«Não teme riscos do corpo, senhor, quem já tem morta a alma. No vosso alcaçar ha se-

bejos estrados, e salas de sobra para quem folga e ri, calçado de ouro e vestido de pedrarias, mas falta logar para quem chora e pede, vestido de dó e coberto d'angustias.»

«Viva Deus, senhores, que estranhos successos se passam na minha nobre e leal Castella! Desde quando foi uso que o alcaçar real fechasse as portas a quem busca elrei? — De que te queixas tu, velho?... Ou perdeste o siso ou pertendeste vir affrontar-me. Arredate, que estamos aqui perdendo um dia como Deus manda poucos ao mundo. Arredate.»

«Arredai-vos!» — bradou D. João de Lara, cujo rosto dava evidentes signaes de inquietação.

«Não me arredarei, não — disse o velho, e depois, como elrei desse mostras de impaciencia e cholera mostrando querer picar para diante — não me arredarei, não; e aqui estou, senhor; se as minhas palavras vos parecem pouco respeitosas, dai a redea ao vosso cavallo, passai e todos os vossos por cima do corpo quebrado d'um velho que chora. Não me queixo de vós, senhor, que bem sei que nunca vos negais aos infelizes, queixo-me dos que acham tão acanhada a base do throno que nem deixam que um desgraçado occupe ahí por instantes o simples logar que lhe consente a sua dor, queixo-me dos que compram um sorriso do soberano á custa das lagrimas dos miseraveis que lhe querem fallar e não podem, dos que receiam que esse tão caro sorriso seja perturbado pelos prantos de victimas sem culpa, dos que do nome d'elrei, do vosso nome, senhor, se servem para vos adquirirem odios que sem duvida não mereceis.»

«Insolente!» — clamou o de Lara.

«Calai-vos, D. João — disse elrei seccamente — e deixai fallar esse velho....»

«Que para o fazer — acudiu este — foi-lhe mister interromper elrei nos seus folgares, e vir metter-se debaixo dos pés do seu cavallo para que morresse desesperado ou emfim o escutassem.»

«E quem ousou — perguntou D. Fernando tropejando — negar a minha presença a quem me procurava?»

«Para dize-lo — retrocou o ancião — era mister que esse que assim vos comprometteu não estivesse tão alto e eu tão baixo. De que me serviria dizer-vos-lo? A vossa cholera passaria, senhor, quando lhe houvesseis exprobadado o seu vil proceder, e seria apenas uma aragem que agitasse á superficie as folhas dessa planta profundamente arreigada aos pés do throno; mas a delle, senhor, essa duraria mais e explicar-se-hia mais terrivelmente.»

«Quero saber quem foi esse e quem tu és.»

O Sr. de Lara fez-se pallido; sinistro fulgor lhe brilhou nos olhos, e o velho, que tinha os seus fitos nelle, como que sorriu, por entre os seus prantos, daquella raiva impotente.

«Quem eu sou, senhor? — respondeu elle depois de breve pausa — perguntais-me quem eu sou?... O meu nome nunca soou em ouvidos reaes, a minha existencia correu até aqui obscura e ignorada, mas feliz quanto é possível se-lo na terra, porque eu tenho visto muito e desejado pouco. Restavam-me ainda alguns annos de vida que contava passar na minha santa e retirada paz... mas Deus quiz que não fosse assim. — Os ultimos annos desta minha peregrinação tinham de ser açoutados pela tormenta; estas cans, que eu julguei abrigadas já á sombra do sepulchro, deviam — quem o diria? — deviam ainda vir rojar-se na poeira....»

A attitude supplicante do velho, os seus prantos, a dignidade de suas palavras tinham tal peso que o mancebo rei, apesar do fogo da mocidade, escutava-o attento sem lhe interromper as divagações de ancião. E elle continuava:

«Nasci, senhor, á sombra d'um tecto nobre, cresci no meio de uma illustre familia, a quem eu servia e amava, cujos avós meus avós tinham servido, de sorte que a protecção e a bondade era n'uns tão hereditaria, como n'outros o zello e a affeição. O que fui e o que sou a essa familia o devo. Envelheci e fui vendo todos os seus membros cahirem successivamente na sepultura. Era grande a minha dor, mas consolava-me porque os via sahirem do mundo, honrados e abençoados, porque as suas mortes eram mortes de justos, porque eu tinha a certeza de que iria em breve juntar-me com elles. A ultima destas mortes foi a d'uma santa e digna dama — ha já annos, e tinha eu então mais espirito e mais força.... pobre senhora! — Nos derradeiros momentos chamou-me junto do seu leito e pediu-me que lhe levasse seus dois filhos ainda pequeninos — tristes innocentes tão formosos e tão meigos, que choravam estendendo os bracinhos para sua mãe moribunda, como se tivessem o instincto da perda que iam padecer. — Levei-lh'os e cobrindo-os das ultimas caricias maternas, disse-me chorando: — «Alfonso, ahí t'os deixo.... ninguem já teem na terra que por elles se interesse e que os vigie.... serve-lhe tu de pai.... serve-lhe de mãe que vão perder....» e expirou depois.... beijando-os ainda e apertando-os no seio.»

Aqui as lagrimas do velho corriam em fio, os soluços cortavam-lhe a voz, e todo elle commovido a todos commovia. — Os cavallei-

ros apinhavam-se para ouvi-lo, e elle foi por diante depois de alguns instantes de mudo suspirar:

«Ficaram sós—servi-lhes de pai, servi-lhes de mãe como a nobre dama m'ò encommendára. Por elles e para elles vivia, que eram a minha vida e a minha consolação. Cresceram, fizeram-se homens, e herdaram as virtudes dos seus, valentes como seu pai, que morreu pelo vosso, D. Sancho 4.º, na Andaluzia guerreando os mouros; leaes como seu avô, que morreu pelo vosso, D. Affonso 1.º, na Castella defendendo os seus direitos contra os grandes, que se haviam rebellado; foram leaes e valentes e honrados; e eu presava-me de assim os ver, e esperava morrer-lhes nos braços certo de que elles me chorariam, não como um servo da sua casa, mas como um amigo que os desvellára na infancia, e os creára e os fizera chegar ao que eram. Mas que aconteceu?... Este velho que aqui chora a vossos pés, que vinha morrer ou fallar-vos, mais dobrado pelas angustias de tres dias do que pelo peso de oitenta annos, este velho viu aquelles seus filhos adoptivos arrastados para uma prisão, condemnados pela opinião d'elrei, manchados na sua honra, tidos por assassinos—elles tão humanos e tão bons!—sentenciados a morte infame!... Piedade, senhor, para os filhos de D. Branca de Carvajal, para D. Pedro e D. João, meus filhos tambem, filhos da minha alma; compaixão, senhor, tende dó delles accusados sem culpa, tende dó de mim que arrasto as minhas faces no pó, e que por elles aqui estou e aqui vim; tende piedade, que vo-la peço por quanto posso pedir-vos, piedade, senhor, piedade!»

A alma de D. Fernando era bem inclinada, mas tinha um character de ferro, que muitas vezes o punha a pelear com a propria vontade. Hesitou momentos. Era a lucta do coração e do pensamento. Seu rosto estava sereno, mas a lagrima vexada que na palpebra lhe oscillava mostrava de sobra a impressão que lhe haviam feito as palavras do velho.

«O que me pedes é impossivel, honrado ancião—disse elle por fim.—Benavides, o meu leal amigo, o que nunca me mentiu nem negou a minha presença aos que buscam a justiça real.»—Nisto deixou cahir um olhar irado e cholérico, um como raio de tempestade sobre o de Lara, por modo que bem indicava o quanto elrei se anojára com o privado, e o como já percebêra que era o culpado cujo nome o ancião tão habilmente evitára de dizer, attrahindo para elle e seus males a attenção do moço monarcha. Mas D. João não era homem que se assustasse por tão pouco: soube-

ra ganhar o animo d'elrei; estava, por assim dizer, senhor delle: tão artiloso como máu, sabia affrontar as passageiras tormentas da ira real, e já por vezes mais tremendos bulções tinham passado por cima da sua fortuna e da sua privança sem as destruirem. Elrei continuou:—«Benavides foi assassinado vilmente, o seu sangue pede vingança, e nós estamos no throno de Castella para fazermos justiça aos nossos bons e fieis vassallos!»

O ancião, que escutava as palavras de D. Fernando como se foram a sua propria sentença, ao ouvir tal estendeu os braços para elrei e cahiu, sem dar palavra, com a fronte sobre as pedras... O ginete de D. Fernando pateava impaciente: se dêsse um só passo mais o craneo do fiel servo era alli mesmo esmagado... Quem não teria compaixão de tanta dor e tamanha lealdade?

D. Fernando voltou-se para o de Lara e com voz severa perguntou:

«Quantas feridas mortaes se encontraram no cadaver de Benavides?»

«Uma só—respondeu elle—a que lhe atravessou o coração.»

«Um só foi então o assassino, que não podiam dois ferros em mãos diversas fazer uma só ferida. Dois são os presos. Ancião, vai dizer-lhes que por ti e pelos serviços dos seus perdôo a um delles. Consultem-se ambos, e dos dois o que se achar com a consciencia mais leve que venha e esquecerei todo o passado, e será como se nada houvera acontecido—a minha palavra real lh'ò afiança e segura. Quanto ao outro... Deus tenha compaixão delle, que o seu sangue pagará pelo sangue do morto! O nosso reinado será reinado de justiça. O céu nos illumine, e te conserve, leal ancião... Cavalleiros de Castella segui-me ao monte e S. Venancio em nossa guarda.»

Com habil manejo fez elrei passar o seu cavallo de lado por não offender o velho, que se erguera para fallar ainda, e todos os cavalleiros o imitaram, passando a um e um vozeando e applaudindo, porque o dicto d'elrei fôra um dicto d'alta justiça... no entender delles.

Momentos depois, de toda aquella fervida turba, aonde tão diversas paixões se haviam agitado, só ao longe se percebia a nuvem de pó que os pés dos seus ginetes levantavam.

O ancião seguiu-os com os olhos, e quando de todo desapareceram, erguendo a fronte, murmurou:

«A casa dos Carvajales não será extincta ainda: o que fica vingará o que morre!»

(Continúa.)

O LOUVOR acha incredulos, a maledicencia muitos crentes.